





# OS GRANDES ECONOMISTAS



Linda Yueh

# OS GRANDES ECONOMISTAS

Como as suas ideias  
nos podem ajudar

Tradução  
Adelaide Cabral



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2018, Linda Yueh  
Edição original inglesa publicada por Penguin Books Ltd., Londres.  
Direitos para esta edição:  
© 2019, Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 – 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel. 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título original: *The Great Economists*  
Autor: Linda Yueh  
Tradução: Adelaide Cabral (Lufada de Letras)  
Revisão: Rui Augusto  
Paginação: Gráfica 99  
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-478-0  
Depósito legal: 455 146/19  
1.ª edição: Maio, 2019

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)

*À minha família*





# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

|   |     |
|---|-----|
| Os grandes economistas e os desafios económicos da atualidade ..... | 11  |
| 1. ADAM SMITH   |     |
| O governo deve reequilibrar a economia? .....                       | 23  |
| 2. DAVID RICARDO  |     |
| O défice comercial é relevante? .....                               | 47  |
| 3. KARL MARX  |     |
| A China pode vir a ser rica? .....                                  | 69  |
| 4. ALFRED MARSHALL  |     |
| A desigualdade é mesmo inevitável? .....                            | 97  |
| 5. IRVING FISHER  |     |
| Corremos o risco de repetir os anos 1930? .....                     | 119 |
| 6. JOHN MAYNARD KEYNES  |     |
| Investir ou não investir? .....                                     | 149 |
| 7. JOSEPH SCHUMPETER  |     |
| O que é que estimula a inovação? .....                              | 171 |
| 8. FRIEDRICH HAYEK  |     |
| O que podemos aprender com as crises financeiras? .....             | 203 |
| 9. JOAN ROBINSON  |     |
| Porque é que os salários são tão baixos? .....                      | 227 |
| 10. MILTON FRIEDMAN   |     |
| Os bancos centrais são demasiado controladores? .....               | 249 |
| 11. DOUGLASS NORTH  |     |
| Porque há tão poucos países prósperos? .....                        | 279 |

12. ROBERT SOLOW

O crescimento lento será a regra do futuro? ..... 309

EPÍLOGO

O futuro da globalização ..... 329

Glossário ..... 347

Notas ..... 349

Bibliografia ..... 363

Agradecimentos ..... 371

## INTRODUÇÃO

# OS GRANDES ECONOMISTAS E OS DESAFIOS ECONÓMICOS DA ATUALIDADE

Em épocas de radical mudança é fundamental perícia económica. Quem melhor para ajudar a moldar o nosso futuro económico do que os Grandes Economistas? As suas ideias transformaram a economia moderna em algo que se caracteriza, em termos relativos, por uma prosperidade sem precedentes, até mesmo nos países mais pobres. Essas ideias do passado podem ajudar a orientar-nos à medida que enfrentamos os desafios económicos dos nossos dias.

Estamos numa altura ideal para avaliar em que sentido caminha a economia mundial. Tendo atravessado a crise financeira global de 2008 e a Grande Recessão que se lhe seguiu, os EUA, a Grã-Bretanha, a União Europeia, o Japão, a China e outros países enfrentam grandes desafios para fazerem crescer as suas economias e gerar riqueza. A América do Norte, durante tanto tempo o principal motor económico do mundo, enfrenta a perspectiva do abrandamento do crescimento, dado que a lenta evolução salarial pesará no seu futuro. Na Grã-Bretanha, um fraco aumento da produtividade e o histórico referendo de junho de 2016, que culminou numa votação a favor da saída da União Europeia, afetará a economia durante muitos anos daqui para a frente. A UE, entretanto, encara questões difíceis sobre como reformar a economia da Zona Euro de modo a gerar crescimento, partilhando ao mesmo tempo uma divisa única, o euro. O Japão há muito que é confrontado com preocupações relacionadas com o lento crescimento, sendo vanguardista numa quantidade de políticas económicas inovadoras para estimular a sua indolente economia, enquanto a China enfrenta também desafios estruturais à medida que tenta juntar-se à fileira dos países ricos do mundo. E as economias emergentes, tais como as existentes na Ásia, em África, na América Latina e na Europa de Leste, estão sob os holofotes. Após anos de forte crescimento, este tem vindo a abrandar, o que levanta a

questão de saber se estas nações terão o ímpeto económico suficiente para erradicar a pobreza dentro das suas fronteiras. Todavia, também vivemos numa época de rápida mudança tecnológica, em grande parte tal como aconteceu na anterior Revolução Industrial, que elevou os nossos padrões de vida. Analisaremos também o que é que estimula a inovação e o que fazer para aumentar o crescimento económico.

Quem foram então estes Grandes Economistas cujas teorias alteraram o mundo e cujas ideias podem ajudar-nos com os desafios atuais? Foi uma escolha difícil. Aplicar o critério de que o seu trabalho tem de ter implicações diretas nos atuais problemas económicos ajudou um pouco, mas muitos outros não figuram na minha lista e poderiam defensavelmente ter sido incluídos. Hyman Minsky, por exemplo, que é abordado no capítulo de Irving Fisher, porque o pensamento de ambos, combinado, ajuda-nos a compreender melhor a natureza das crises financeiras. E as ideias de Paul Samuelson sobre o impacto do comércio internacional na distribuição baseiam-se no trabalho de David Ricardo, por isso o seu pensamento proporciona um considerável discernimento sobre a forma como aqueles que saíram a perder com o processo da globalização, discutido no Epílogo, poderão gerir melhor a sua situação difícil.

Isto leva ao segundo fator qualificador, que consiste no facto de a minha seleção ter de refletir também as questões sobre as quais optei por me focar. Tinham de ser feitas escolhas, por isso reduzi gradualmente uma lista enorme, criando uma mais pequena, centrada no crescimento económico – isto é, o ritmo e a qualidade do desenvolvimento. A forma como as economias crescem será afetada pelas escolhas políticas tomadas após o pior colapso bancário do último século e no contexto de um mundo globalizado. A crise financeira de 2008 e a ascensão dos mercados emergentes estão entre os fatores fundamentais das últimas décadas que transformaram e vão continuar a reconfigurar a economia mundial. A crise demonstrou que alguns dos modelos antigos para fazer crescer uma economia são insustentáveis, enquanto o rápido crescimento de uma quantidade de países em vias de desenvolvimento sugere que está na altura de analisar como foi que eles fizeram isso e o que tal significa para os grandes desafios globais, como a erradicação da pobreza. Alguns países já enfrentaram

parte destes problemas e, conseqüentemente, poderão oferecer a outras nações a sua lição. Por exemplo, o que podemos aprender com a forma como os EUA e o Reino Unido têm andado a reexaminar os seus motores de crescimento depois da crise de 2008 ou como a China emergiu tão rapidamente como uma das principais economias? Outros exemplos incluem a forma como a Europa está a planear aumentar o investimento para estimular o crescimento económico e as tentativas do Japão de pôr fim a décadas de estagnação económica através da intervenção em grande escala do governo. Portanto, a qualidade e a natureza do crescimento económico serão temas centrais neste livro.

Decerto reparará que, em grande medida, escolhi economistas de uma safra mais antiga. Os Grandes, não surpreendentemente, tendem a focar-se nas significativas questões centrais, tais como o crescimento, a inovação e a natureza dos mercados. Há, obviamente, eminentes economistas a trabalhar para resolver problemas-chave. Muitos dos recentes laureados com o Prémio Nobel estão ativamente envolvidos nos debates em curso quanto às políticas a adotar, como sejam o aumento das taxas de crescimento económico e a avaliação do papel da despesa pública, mas a sua investigação está enraizada na obra daqueles que criaram os modelos generalistas que formam os alicerces da ciência económica. Este livro revela quem são esses Grandes Economistas, de onde vieram as suas ideias e como a sua perspetiva moldou o pensamento económico.

Não surpreendentemente, o primeiro autor objeto de estudo é Adam Smith. É quase um truísmo que todos os economistas comecem por se virar para Smith quando confrontados com um problema económico. Fui recentemente recordada disso quando apresentei um programa de rádio na BBC. Perguntei a um académico por que razão tendemos a descurar o tão predominante setor dos serviços e nos focamos, em vez disso, na indústria, que abrange apenas cerca de um décimo das economias britânica e americana. Ele fez imediatamente referência a Adam Smith, que considerava o setor dos serviços como não-produtivo. Smith acreditava que este setor era composto por «bufões, músicos e cantores de ópera»<sup>1</sup>, cuja produção não podia entrar no sistema de trocas comerciais normais e, por conseguinte, não trazia um acrescento à produção nacional do mesmo modo que a indústria o fazia. Smith era, naturalmente, um produto do seu tempo,

tendo testemunhado o advento da industrialização, que deu origem a um aumento sem precedentes dos rendimentos e dos padrões de vida da população. *Riqueza das Nações*, de 1776, é a obra embrionária sobre esta matéria. O legado de Smith é evidente em quase todos os aspetos da economia. Ainda hoje vemos a economia através das lentes que ele moldou.

Assim, Adam Smith é o primeiro Grande Economista neste livro. A sua ideia da «mão invisível» das forças do mercado – querendo significar os efeitos intrínsecos da oferta e da procura, ao invés da intervenção direta de governos ou outras instituições – é a base da sua teoria económica. Tal como abordei naquele programa da Radio 4, o Governo britânico está a tentar reequilibrar a economia encaminhando-a no sentido de voltarem a ser produzidas coisas, depois de a crise de 2008 ter revelado os inconvenientes de confiar demasiado nos serviços financeiros. Até agora, ainda não o conseguiu. Uma década mais tarde, o setor dos serviços já recuperou para os níveis da pré-recessão, ao passo que a indústria não. E isto não acontece apenas na Grã-Bretanha. A América, a China e outras grandes economias também procuram reequilibrar as suas economias de modo que estas possam crescer de uma forma mais sustentável. O que diria Adam Smith acerca destas tentativas? Como conciliaria ele a sua inclinação para a indústria com a aversão à intervenção dos governos no funcionamento da «mão invisível»?

Um economista inspirado por Adam Smith veio mais tarde a ser o pai do comércio internacional. Em 1817, David Ricardo formulou a teoria da vantagem comparativa, que demonstra como os países beneficiam com o comércio livre. Isto verifica-se mesmo se um dado país for pior que qualquer outro do mundo a produzir tudo. Esse país deveria continuar a concentrar-se em fazer aquilo em que for relativamente menos mau a produzir, pois a especialização e o comércio beneficiá-lo-iam tanto como ao resto do mundo. Mas e se o comércio com base na vantagem comparativa levar países como a América e a Grã-Bretanha a registar défices persistentes, significando isto que o valor dos bens que importam ultrapassa o valor das exportações? O que aconselharia Ricardo a esses governos?

Karl Marx via a Revolução Industrial de modo bastante diferente de Adam Smith. Embora também ele tivesse vivido a dramática transformação das economias ocidentais no século XIX, Marx rejeitava

resultados impulsionados pelos mercados, favorecendo antes a coletivização em detrimento do capitalismo. Via a economia de mercado como exploradora e insustentável e o seu entendimento levou a antiga União Soviética e a China, entre outros, a adotar um sistema comunista, e não capitalista.

O colapso da União Soviética é geralmente visto como uma condenação do planeamento centralizado. Ao adotar reformas orientadas para a economia de mercado, a China emergiu como a segunda maior economia do mundo. Ainda assim, a China está a passar, talvez, pela parte mais difícil do seu processo de mercantilização. Como julgaria Marx o caminho que a economia chinesa está a desbravar?

Do lado oposto a Karl Marx no espectro do planeamento do mercado estava o seu quase contemporâneo Alfred Marshall. Ao invés de ser o governo a dirigir a economia, Marshall convencionou a forma como a «mão invisível» de Smith opera um equilíbrio da economia através das forças de mercado. Demonstrou que a oferta e a procura determinam o preço e a quantidade de um bem. A fé de Marshall num mercado que se corrige a si mesmo e que avança no sentido de atingir um equilíbrio significa que só precisamos de um estado *laissez-faire*. Não há qualquer imperativo para que o governo intervenha muito no funcionamento da economia de mercado, por exemplo, durante os altos e baixos de um ciclo económico. Então, o que fazer quanto à redistribuição dos proveitos face à crescente desigualdade? Como é que Marshall teria visto o aumento das desigualdades, à medida que os ganhos de uma economia em crescimento desproporcionadamente se acumulam na mão daquele 1% mais rico da população?

Não há dúvida de que as desigualdades estão no topo da agenda política, um alerta para o facto de termos de tomar em consideração a qualidade e não apenas a velocidade do crescimento económico. Há um livro sobre o tópico da desigualdade, que foi um êxito de vendas, escrito pelo economista francês Thomas Piketty. A sua popularidade reflete a preocupação generalizada com o facto de a desigualdade ser agora tão elevada na América como o foi na Idade de Ouro de finais do século XIX. Recentemente laureado com o Prémio Nobel da Economia, Joseph Stiglitz aponta mesmo a desigualdade como uma das causas da lenta recuperação operada após a Grande Recessão. Portanto, como é que Marshall veria o adensar da desigualdade de rendimentos tantas vezes apreendido como uma condenação

do capitalismo? Serão as economias capitalistas inevitavelmente desiguais?

As preocupações com o crescimento económico, é certo, chegaram ao rubro com a crise financeira global de 2008, a pior retração económica desde a Grande Depressão dos anos 1930. Teve o epicentro na América e a Grã-Bretanha foi profundamente afetada. Anos mais tarde, continuam a existir elevados níveis de dívida e um crescimento económico tudo menos robusto. Irving Fisher, que viveu em primeira mão aquela Grande Depressão, alertou para o perigo da espiral dívida-deflação após crises destas. Foi isto que o Japão enfrentou desde o seu *crash* imobiliário do início dos anos 1990. À medida que a dívida ia sendo paga, a produção caía, o que levou à queda dos preços, ou deflação, e a «décadas perdidas» de crescimento. O que aconselharia Fisher de modo a garantir que os países não se deparem com «décadas perdidas» de crescimento? Estaremos em risco de repetir aspetos dos anos 1930, caracterizados por uma segunda depressão e pela estagnação do crescimento do rendimento?

Discutivelmente, o economista que mais tem sido debatido desde a recente contração económica, altura em que o desemprego tornou a ser um problema preocupante, é John Maynard Keynes. De acordo com o grupo de reflexão para o conjunto de nações desenvolvidas conhecido por Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), a taxa de desemprego de longa duração (que fornece uma medida do desemprego prolongado por mais de um ano) havia aumentado uns vertiginosos 77% no rescaldo da crise de 2008. O desemprego dos jovens atingiu valores de dois dígitos em alguns países europeus, tais como a Espanha. Para os EUA e o Reino Unido, este problema não foi tão grave, mas outras formas de desemprego «escondido», como é o caso do subemprego e do trabalho em *part-time*, são preocupantes. Assim, o papel do governo na promoção do emprego e na revitalização do crescimento está presente na política pública.

É bem conhecido que Keynes não acreditava na capacidade de autocorreção do mercado, o pensamento económico dominante da sua época. Em vez disso, advogava a favor da despesa pública – e da contração de um défice orçamental, se necessário – para trazer a economia de volta ao pleno emprego. O seu entendimento fora moldado pelas taxas de desemprego persistentemente elevadas que se seguiram



à Grande Depressão, sendo que as ideias de Keynes tornaram-no uma figura influente, mesmo postumamente, durante o pós-guerra, que assistiu ao nascimento de extensos programas estatais, como seja o estado-providência.

Noutro paralelo com os dias de hoje, o debate económico dominante desde a Grande Recessão de 2009 tem versado sobre a austeridade – cortar a despesa pública e aumentar os impostos para reduzir o défice orçamental. Um dos resultados das medidas de austeridade é uma gigantesca queda do investimento público/do governo/do estado, que põe entraves ao crescimento económico. Olhando para o futuro, que conselhos daria Keynes aos governos atuais acerca do investimento público, um importante motor de crescimento e de pleno emprego da economia?

Outro grande debate económico versa sobre como tornar as economias mais produtivas. Desde a crise financeira, a recuperação tem sido lenta face aos padrões históricos. Aumentar a produtividade, que estagnou em muitas economias desenvolvidas, é crucial para a economia crescer – mas ela exige inovação. Esta pode bem ser a mais importante questão política para as economias avançadas, e o Grande Economista mais bem colocado para lhe dar resposta é um contemporâneo de Keynes e defensor da «destruição criadora»: Joseph Schumpeter. A teoria de Schumpeter colocava empreendedores e inovadores no cerne não apenas da recuperação, mas do crescimento económico em geral. Portanto, que conselhos daria aos governos dos nossos dias de modo a aumentar a produtividade e a inovação?

Também a contribuição de Friedrich Hayek foi influente para a política económica por volta daquela época. Ele foi o porta-estandarte das economias de mercado livre. Fez parte da Escola Austríaca da economia, que rejeitava, entre outras teorias, as explicações convencionais dos ciclos económicos. Hayek tinha uma visão diametralmente oposta à de Keynes e acreditava na supremacia das forças do mercado. Hayek opunha-se ao uso de políticas monetárias – que ocorre quando o custo e a quantidade de moeda na economia são ajustados para influenciar o crescimento – bem como ao ativismo fiscal de Keynes, o que o punha em contradição com grande parte dos profissionais da economia. Embora Hayek tenha encontrado um *habitat* intelectual propício na Escola de Economia e Ciência Política de Londres, as suas teorias continuam a não ser amplamente aceites no mundo académico.